

CADERNO 2

D12 - O ESTADO DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 27 DE ABRIL DE 1999

DANÇA

Bertazzo usa 'O Guarani' para discutir choques culturais



'Tupi Tu És': espetáculo da Série Pocket Opera 99 parte da história do índio Peri e da bela Ceci para explorar as diferenças raciais, corporais e emocionais que nos constroem desde o descobrimento

Espectáculo 'Tupi Tu És', que estreia em maio, no Sesc Ipiranga, coloca índios e bailarinos em cena para uma discussão sobre o Brasil que bebe na fonte de Gláuber e dos Andrades

HELENA KATZ
Especial

Ele vem aí com mais uma estripulia e das boas. Ivaldo Bertazzo estreia *Tupi Tu És* no dia 6, no Sesc Ipiranga, e lá fica por dez dias. Depois, apresenta-se no Teatro Municipal de São Paulo, nos dias 18 e 19 de maio.

Esta vez ele vai misturar 21 cidadãos dançantes (nome inventado por ele para designar seus alunos que dançam sem desenvolver um engajamento profissional com a dança), Reinaldo Soares como bailarino convidado, quatro cantores e 11 integrantes da tribo indígena Icolen-Gavião, de Rondônia.

O projeto pertence à Série Pocket Ópera 99, iniciativa do Sesc Ipiranga, com curadoria de Sérgio Farah Escamilla, que ocorre há quatro anos. Já foram montados um *Gianni Schicchi*, dirigido por Hugo Passolo, uma *Ophelia*, de Ulysses Cruz, e Tim Rescala criou *A Redenção pelo Sonho*, baseada na vida de Monteiro Lobato. Em 1999, além de Ivaldo Bertazzo, Marcelo Tas realiza um roteiro didático sobre a história da ópera.

Tupi Tu És nasceu de *O Guarani*, por sua vez também uma livre adaptação de Carlos Gomes (1836-1896) do romance homônimo de José de Alencar. Tem direção musical de Achille Picchi, música eletrônica especialmente composta por Vanderley Lucentini, música tradicional dos índios icolen-gaviões, tribo que tem o hábito de construir instrumentos

musicais para cada apresentação, e excertos da ópera *Tristão e Isolda*, de Richard Wagner.

Antropofagia - A idéia musical é promover uma transposição cultural antropofágica brasileira. O melodismo verdiano e a construção programática seccionada de Carlos Gomes em *O Guarani* encontram-se com as modulações wagnerianas e deságuam na desconstrução eletrônica de Lucentini, no qual o círculo se fecha com o uso de trechos do mesmo *O Guarani*. A música eletrônica, gravada em oito pistas e reproduzida em dezenas de caixas acústicas, vai envolver fisicamente o público.

O cenário também. Edith Derydyk e Cláudio Cretti desenvolveram idéias a partir da herança neoconcretista de Lígia Clark e Hélio Oiticica e estão construindo uma cenografia sensorial, usando revestimentos especiais nos corredores e nas passagens do teatro.

O próprio Carlos Gomes ilustra a questão de *Tupi Tu És*. A versão mais aceita a respeito da sua história diz que uma de suas avós era uma autêntica guarani, casada com o filho de um imigrante espanhol. E, na outra ponta da trilha sonora, encontra-se mais um sinal das típicas tramas brasileiras. O mesmo d. Pedro II, que se havia cantado pela música de Carlos Gomes, decidira pagar a 'Richard Wagner para estrear o seu *Tristão e Isolda* no Rio, o que acabou não ocorrendo.

"Sempre enfim" é uma expres-



Bertazzo: idéia é promover transposição cultural antropofágica

são cunhada por Beatriz, a senhora baiana que administra minha casa, para advertir jocosamente sobre algo que fazemos com atraso e penso que é 'sempre enfim' que estamos refletindo sobre a nossa identidade cultural", explica Ivaldo Bertazzo. "Mas será que precisamos mesmo do fecho de 500 anos do descobrimento para retomar essa busca e será que nos próximos aniversários do descobrimento ainda estaremos fazendo arte da maneira decidida pelos grãos-senhores do império setentrional ou estaremos, mais uma vez, postulando, como se fosse novidade, que é preciso partir à descoberta da cultura brasileira?" pergunta ele.

Tupi Tu És sublinha a paixão pelo outro, pelo diverso. A partir do romance entre o índio Peri e a brasileira de ascendência européia Ceci (Cecília), Bertazzo explora o processo de descoberta das diferenças raciais,

corporais e emocionais e as trocas culturais e genéticas que nos constroem desde o descobrimento.

Fundo nacional - "Nossos mestres, os Andrades, nos mostraram um caminho desde a Semana de 22, que as artes cênicas já podiam ter abraçado com total convicção e, vez por outra, de década em década, alguns bons discípulos dos mestres modernistas voltam a abrir nossos corações aos sentimentos da alma brasileira", lembra Bertazzo.

Bertazzo cita o *Rei da Vela* de

José Celso Martinez Corrêa, os *Macunaímas* de Antunes Filho e Joaquim Pedro de Andrade, o cinema de Gláuber Rocha. "Mário de Andrade chamava de 'macaco' o compatriota que só conhecia e falava das coisas estrangeiras, mas não basta renunciar à influência externa, ao empréstimo, para pensar e viver uma cultura mais autêntica, uma vez que tal renúncia nem sequer é pensável, pois não é possível pensar uma autenticidade como fazia Policarpo Quaresma, a quem o fervor purista levava a expressar-se em tupi, língua que lhe era completamente estranha".

Para ele, em arte não existe originalidade absoluta, mas existe a possibilidade de que nossos indicadores artísticos podem ter sempre um "fundo nacional". "Juntos tentamos fazer aqui com que o tronco de palmeira carregado por Ceci e Peri flutue e avance, e desejamos compartilhar a perseguição ma-

to adentro da busca do que nos deu forma e conteúdo, reproduzindo a impetuosa corrida do Curupira atrás de Macunaíma reclamando a 'carne da minha perna'", explica Bertazzo, enquanto envia saudações a todos aqueles que foram, são e têm sido tupis.

No Sesc Ipiranga (Rua Bom Pastor, 822, tel. 3340-2000), onde fica de 6 a 16 de maio, *Tupi Tu És*, que contará com figurinos de Fábio Namatame e iluminação de Domingos Quintiliano, terá ingressos a R\$ 10,00 e R\$ 5,00 (comerciários e estudantes com carteira-nha).

CENOGRAFIA
SENSORIAL
TEM
INFLUÊNCIAS
DA ARTE DE
LÍGIA CLARK
E HÉLIO OITICICA

TRIBO
ICOLEN-GAVIÃO
TEM O HÁBITO DE
CONSTRUIR
INSTRUMENTOS
PARA CADA
APRESENTAÇÃO